

ARMANDO FREITAS FILHO FALA SOBRE
JOÃO CABRAL DE MELO NETO

SOLANGE FIUZA*
CLAUDINE FALEIRO GILL**

Seu contato mais efetivo com a poesia de Cabral parece ter ocorrido por meio da leitura de *Duas águas*, que reuniu, em 1956, de *Pedra do sono* aos então inéditos *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*. Como você recomporia, hoje, essa experiência de leitura? Seu modo de ler Cabral mudou muito de lá para cá?

Tomei conhecimento que havia um poeta chamado João Cabral de Melo Neto por volta de 1955, numa antologia que reunia poetas da chamada geração de 45. Ele logo me chamou a atenção, pois engolia os outros. Cada um deles postava um retrato e comecei a admirá-lo pelo cabelo, irreprensivelmente penteado. O repartido parecia feito à faca, e não com pente.

Como foi o seu contato direto com o homem João Cabral?

Muitos anos mais tarde, quando ele lançou, se não estou em erro, em 1968, suas *Poesias completas* pela editora Sabiá. Escusado dizer que desde os meados dos anos 1950 bebi não sei quantas vezes das *Duas águas*: um verdadeiro porre de H₂O. Encontrei esse livro, no sebo da saudosa livraria São José, encadernado em couro vermelho sem a folha de rosto, com certeza para eliminar a dedicatória do antigo dono.

* Professora da Universidade Federal de Goiás/ UFG, Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: solfiuza@gmail.com

** Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Goiás/ UFG, Goiânia, Goiás, Brasil. Professora no Instituto Federal Goiano/ IFG, Trindade, Goiás, Brasil.
E-mail: claudinefgill@gmail.com

Drummond é a principal referência leitora convocada e qualificada pela sua poesia. Mas Cabral permanece sempre como uma presença poderosa, às vezes tratada de modo controverso por você em poemas e declarações. A sua relação com Cabral lembra o que você mesmo diz, no poema-ensaio “Comprende?’/Compreendo”, sobre o amor deste por Drummond: que Cabral teria amado Drummond até o fim, não de maneira resignada, mas com fúria. Como avalia a relação de sua poesia com Cabral? Parece-lhe ela mais tensa e controversa do que sua relação com Drummond?

Drummond era e é o meu amor. É o poeta que nunca acaba de se ler. Mas confesso que ao conhecer a poesia de João meu coração balançou. Talvez coisa de rapaz que se esforça para experimentar um novo afeto, ou se ver livre de Deus, porque Drummond é Deus. Já maduro me permiti retratar as implicâncias com João. A relação com João pode ser mais tensa por motivos de competição. Já com Drummond não me esforço por superá-lo, pois sempre soube ser impossível essa façanha para qualquer poeta no Brasil.

Sua relação com João Cabral é marcada por uma reverência irreverente, pois admira e confronta o pai poético, como lemos em “Outra receita”, de *Raro mar*. A admiração se instaurou desde a primeira leitura, conforme revelou certa vez (“*Dois águas foi uma inundação*”). E o conflito, quando veio à tona?

Acho que já expliquei mais ou menos essa questão. Posso acrescentar que acabei me metendo entre dois monstros e foi preciso fazer força para poder escapar de ambos com alguma vida.

No excelente poema-ensaio “Comprende?’/Compreendo”, publicado originalmente na *Revisa Serrote*, você contrapõe dois cabrais: o literal e o metafórico ou o modo como o poeta se compreendeu ou se quis dar a compreender (no que foi seguido por muitos leitores) e o modo como você e alguns leitores de sua geração o compreenderam, não caindo na “armadilha simplificadora de sua recepção”. Poderia falar sobre essa armadilha simplificadora da recepção de Cabral?

Na recepção de Carlos e João era uma idiotice derrubar um para que o outro sobrevivesse. Essa competição cretina foi instalada pelos poetas concretos. Muitos leitores ou mau leitores seguiram essa norma para que um vencesse. Para derrotar o invencível CDA. Aliás, Augusto, Haroldo, Décio menos, sempre gostaram de montar um Fla x Flu: Schoenberg x Stravinski, Caetano x Chico, Cabral x Drummond, e por aí vai. Sempre achei que no fundo Augusto x Haroldo era a competição familiar em que se empenhavam verdadeiramente. Uma briga familiar de cunho psicológico como costumam ser esses embates. Afinal, porque não os dois? No máximo, se pode preferir um, sem precisar “matar” o outro. Até porque precisamos – e como – dos dois.

No poema “Família de Letras”, de *Dever*, constrói uma genealogia para Cabral, que remonta a Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e Antonio Candido. No prefácio de *Casa de farinha*, retoma e explica essa “Família de Letras”. É uma genealogia bastante interessante, sobretudo quando pensamos que, nela, há dois prosadores e um crítico. A singularidade da poesia cabralina o tornaria um poeta mais afim a uma tradição de prosadores do que de poetas?

Não entendo assim; sequer compreendo o porquê da “singularidade” da poesia cabralina, já que outras singularidades se cruzam. Prosadores e poetas têm, no meu modo de sentir, dois pesos e duas medidas com significados diferentes por terem atividades eventuais diversas.

O poema “Graça”, de *Lar*, constrói um retrato de Graciliano Ramos que poderia ser também um retrato de Cabral, o que nos remete ao poema “Graciliano Ramos:”, de *Serial*, em que o retrato da gramática criativa de Graciliano termina evidenciando um autorretrato da própria escrita poética de Cabral. Como se lhe afigura a relação entre esses dois grandes criadores?

Cada um na sua. Cada um no seu canal. Cada um escrevendo forte e firme como uma assinatura. Posso admitir que ambos têm um certo parentesco, mais curioso do que significativo.

Como avalia a relação de Cabral com a tradição da poesia brasileira e o seu legado para a poesia contemporânea?

João é indispensável como todo grande poeta. A poesia dele é um marco como o de outros foram. Não podemos abrir mão de nenhum poeta de qualidade para formarmos nossa poesia.

.....

Submetido em 27 de janeiro 2018

Aceito em 10 de fevereiro de 2018

Publicado em 30 de julho de 2018
